

# CEILÂNDIA NORTE

A 30km da capital, uma parte do Brasil real emerge na forma de barracos de madeirite, lama, lixo, doenças, crianças e adultos. Cerca de mil moradores das QNR 2 e 5 lutam para mudar esse dia-a-dia

Fotos: Cristiano Mariz/Especial para o CB



RUAS DA QNR 5 VIRAM RIOS DE LAMA VERMELHA NO PERÍODO DAS CHUVAS



PARQUE COM BRINQUEDOS ESTRAGADOS NA QUADRA 2 AINDA REÚNE A GAROTADA



LIXO E LAMA EM RUA DA QNR 2: FONTE DE MAU CHEIRO E DE DOENÇAS GRAVES

## O drama de viver no improvisado

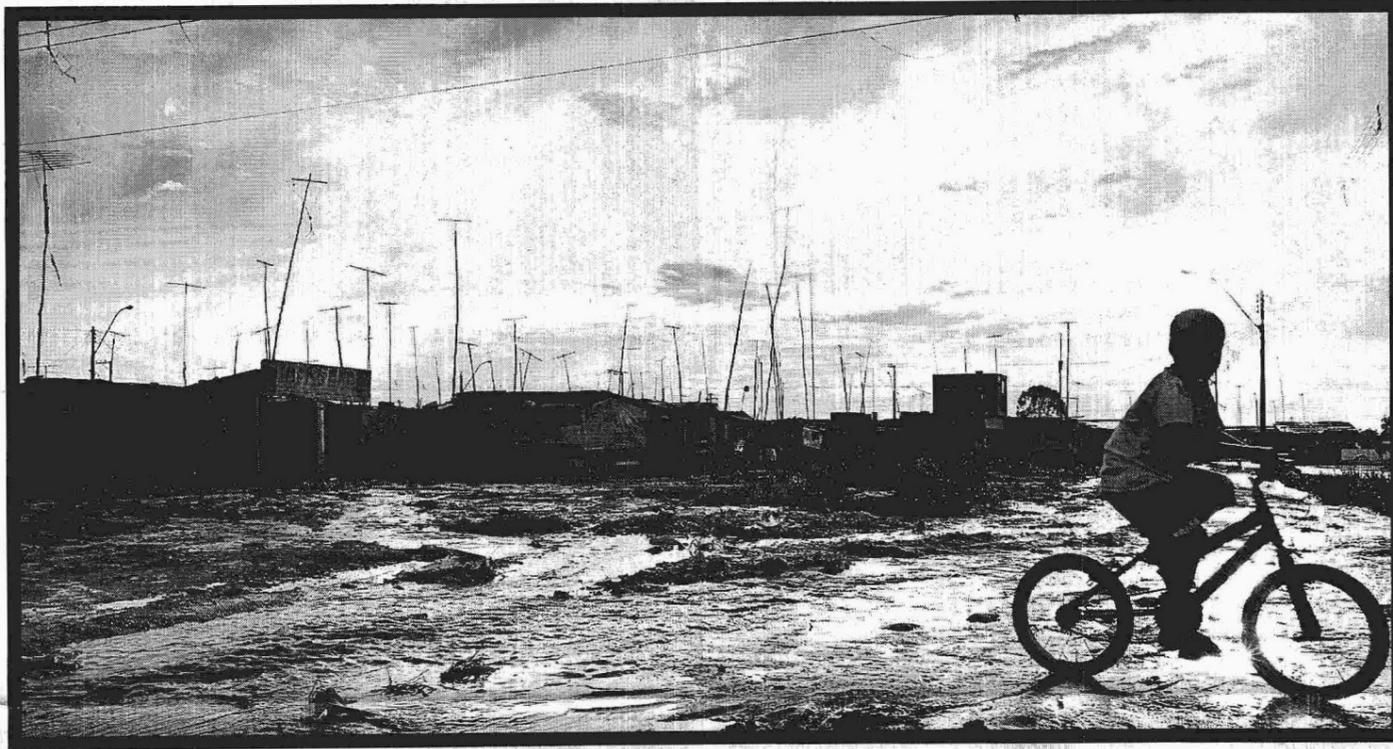
MARCELO ABREU

DA EQUIPE DO CORREIO

Às margens da BR-070, sentido Brasília-Águas Lindas (GO), há um lugar inimaginável. De tão verdadeiro, choca. Lá, falta tudo. Até o mais elementar das necessidades humanas: o direito à cidadania. E a pergunta se faz necessária: como essas pessoas vivem ali? Para decifrar o mistério — e tentar entendê-lo — é preciso chegar até lá. Quinta-feira, 16h. Um dilúvio desabou sobre a região. É tanta chuva que logo tudo fica escuro. Sem asfalto, a terra escorre pelas ruas. E vira um rio de lama vermelha. É tanta lama que derruba quem tenta vencer o percurso. Mulheres carregam filhos nos braços e nas costas, a fim de evitar que sejam levados pela enxurrada. Homens driblam a força da água apoiando-se em pedaços de pau. Carros atolam. A cena é desoladora.

Estamos nas QNR 5 de Ceilândia Norte, a 30km da capital modernista de Lucio Costa e Oscar Niemeyer. O lugar existe há apenas um ano e meio e foi habitado por moradores da antiga invasão da Vila Rafael, destruída por um incêndio em 2006. À época, ainda na gestão da ex-governadora Maria de Lourdes Abadia, foram transferidas 72 famílias. Ganham o direito de posse do lote e esperam até hoje por melhorias. Enquanto elas não chegam, improvisam a vida naquele lugar onde tudo é improvisado. Viver naquela região é uma arte: a arte de driblar todos os dias as adversidades e a desesperança. Como se vivessem sempre à espera de um milagre.

Água e luz são gambiarras. Não tem esgoto. Não tem asfalto. Não tem calçada. O lixo e o mau cheiro se espalham por todos os cantos. Antenas de televisão são penduradas nos tetos dos barracos miseráveis de madeirite. Aliás, de longe, elas, as antenas improvisadas com restos de todo tipo de material, viram o cartão-postal do lugar. Contam-se as casas de alvenaria. Num dos barracos, o anúncio: "Manicuri e pedicuri (sic)". Noutro, uma igreja evangélica de

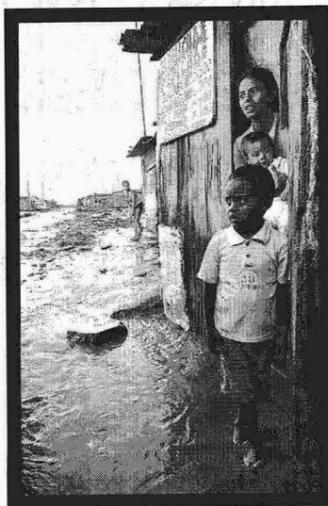


MENINO CRUZA A CENA DEVASTADA DE UMA RUA DE LAMA E PEDRAS, NA INVASÃO DA QNR 2, PEDALANDO UMA BICICLETA: FALTA DE INFRA-ESTRUTURA E DE LAZER

nome inusitado anuncia o horário dos cultos. No barraco de José Tribúcio Neto, baiano de 64 anos, aposentado por invalidez com problema na coluna, um pequeno comércio foi montado. É assim que ele ganha a vida. A complicação é na hora de receber. "Muita gente compra fiado e não paga", ele reclama.

Vizinha de José Tribúcio, Rivonilde Leite Santos, 33, desempregada, quatro filhos, também veio da Vila Rafael. Diante da precariedade do lugar onde vive, ela reflete: "Apesar de tudo, se não tivesse pegado fogo, lá ainda era melhor pra gente". Na tarde de quinta-feira, com a chuva que arrasou a região, o barraco de Rivonilde ficou inundado. "A gente mora dentro d'água. Isso não é vida. Dorme e acorda com os pés molhados." E ela diz, olhando para a lama que passa na porta do seu barraco e sentindo-se completamente impotente: "Se eu pudesse e tivesse um lote, mudaria daqui e nunca mais voltaria".

A chuva insiste em cair. No barraco de Erisvaldo, o cabele-



CÍNTIA, CABELEIREIRA E MÃE DE DOIS FILHOS: TRÊS ANOS DE SOFRIMENTO

reiro, não apareceu um cliente. Na mesma rua, do outro lado, uma placa indica: "Vende-se produto de limpeza e refrigerante". A placa, que serve de parede da casa, é só enfeite. Há meses ali não se vende mais nada. "Não deu, não. O povo só quer levar no

fiado", reclama Francimar Ferreira, cearense de 36 anos, cinco filhos, dono do barraco. Ele também era um dos moradores da antiga invasão da Vila Rafael. E agradece, mesmo morando num lugar onde falta tudo: "Com toda ruindade, aqui ainda é melhor do que lá. Pelo menos o lote é nosso".

### O pior à vista

Mas quando se pensa que já se viu tudo, o pior está por surgir. Mais à frente, chega-se à QNR 2. Ali, nasceu uma invasão em setembro de 2006. Eram 319 barracos. Hoje, são 110. É um lugar onde o pior e o mais terrível se instalou de vez. O lixo briga com os barracos. Os cavalos também dividem o mesmo espaço. As crianças, de pés descalços, agonizam com pneumonias, verminoses e toda a sorte de doenças de pele.

É um lugar onde a miséria se tornou o personagem principal. "Moço, aqui criança adoce, passa mal, a gente chama o Samu e eles nunca aparecem. Esse lugar é tão horrível que meu filho morreu de meningite", desespera-se a

manicure Lucimar da Conceição Oliveira, 35 anos. E suplica: "Queria um lugar decente pra viver com meus filhos".

É ali, no meio do nada, que Cintia Nogueira Pereira, 27, montou seu salão de beleza. Cobra R\$ 5 a chapinha. E um aviso, num pedaço de madeirite pregado na porta: "Não fazemos fiado". A cabeleireira mora num barraco de um cômodo com o marido e três filhos. "Pagava aluguel em Samambaia, mas não tive mais condição. Aí, a gente mudou pra tentar alguma coisa por aqui", ela conta. O filho mais velho, Guilherme, de 5 anos, sonha em ir para a escola: "Como a gente mora em invasão, nunca consegui uma vaga pra ele", diz. E se emociona, carregando a filha mais nova, Leidiele Vitória, de 9 meses: "Chegamos aqui em 2005. São três anos de sofrimento. Aqui, a gente perde até a capacidade de sonhar".

### Melhorias anunciadas

Líder do movimento e representante dos cerca de 500 mora-

dores da invasão, Maria Francisca dos Santos e Silva, 33, admite: "Viver aqui é terrível, mas é a nossa realidade". Maria Francisca tem participado de reuniões com representantes dos órgãos competentes, corre atrás de atualização de cadastro dos moradores, leva propostas. E sempre volta à invasão com um fiapo de esperança onde já não há mais nenhuma.

Audari Gomes, administrador de Ceilândia, garantiu ao Correio que a invasão da QNR 2 está com os dias contados. E classificou o lugar como o "mais feio e degradante do DF". As famílias que obedecerem aos critérios do governo serão levadas para uma área em Samambaia. "A política do governador não é dar lote para invasor", alerta. Até o final da semana, Arruda deverá ir a Ceilândia para anunciar o lançamento de obras na região, como asfalto e saneamento básico. O pacote de melhorias se estenderá da QNR 2 até a QNR 5. Em parceria com a Caixa Econômica Federal, o governo deve anunciar também o Pró-Moradia. "Serão construídas cerca de 500 casas na QNR 5. E cada morador irá arcar com 10% dos custos", informa Audari.

Enquanto as obras não começam e a invasão continua lá, a vida naquele lugar deprimente segue. Num tanque improvisado no meio de uma ruela, uma moça lava louça com água de gambiarra. Num outro barraco, um rapaz ouve a banda Calypso. Crianças brincam no resto de uma praça que existe em frente. Dividem o espaço com cavalos. Cintia torce, olhando da porta do barraco, para que uma cliente entre no salão.

São 19h. A chuva cessou. Restaram a lama, a impotência e a desolação. Os barracos, tanto os da invasão, como os da QNR, estão inundados. Mulheres tentam enxugar o chão de terra vermelha e afastar a lama. Hoje, se fizer sol, haverá tempo para secá-lo. Se chover novamente, é hora de correr e tentar fechar janelas e portas de madeirite que não se fecham.

COLABOROU GIZELLA RODRIGUES